

O CAVALEIRO DA ESPERANÇA E SUAS DAMAS: FIGURAS FEMININAS NA BIOGRAFIA DE LUÍS CARLOS PRESTES

KENIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA¹

PAULO OTÁVIO DOS SANTOS E SOUZA²

RESUMO:

O presente artigo é fruto de um projeto de iniciação científica iniciado em março de 2015 e finalizado em fevereiro de 2016. Esse projeto teve como corpus o livro *O Cavaleiro da Esperança*, do escritor baiano Jorge Amado. Nessa obra, nota-se um processo de mitificação que faz com que Luís Carlos Prestes seja apresentado ao leitor como um herói. Diante disso, procurou-se averiguar se três figuras femininas presentes na narrativa, Leocadia, Olga Benario e Anita, são importantes para a construção e/ou o fortalecimento desse mito e, em caso afirmativo, de que forma elas são importantes. A metodologia desse projeto consistiu na leitura de material que tratasse da vida de Jorge Amado, de sua produção literária e de sua representatividade para os meios acadêmicos; na leitura de obras relacionadas à teoria da narrativa, aos mitos políticos, à biografia bem como de outros materiais que pudessem auxiliar no desenvolvimento da pesquisa proposta; e, por último, na análise do livro selecionado para o projeto.

Palavras-chave: Jorge Amado, Biografia, Mito, Herói, Figuras femininas.

ABSTRACT:

The current article is the product of a research project started in March 2015 and concluded in February 2016. The corpus of this project was the book *O Cavaleiro da Esperança*, by Jorge Amado, a baiano writer. In this novel, it is noted a process of mythologizing which shows Luís Carlos Prestes to the reader as a hero. Thus, it was attempted to verify whether three female figures present in the narrative, Leocadia, Olga Benario and Anita, are important to the building and/or strengthening of this myth and, if so, in what way they are important. The methodology of this project consisted in the reading about Jorge Amado's life, his literary

¹ Doutora em literatura brasileira pela UNESP. Atualmente pesquisa sobre as temáticas do Holocausto, Inquisição e Segunda Guerra Mundial na literatura brasileira. Coordenadora do LEJ- Laboratório dos Estudos Judaicos. Professora do Programa de Pós-graduação no Curso de Mestrado e Doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia- UFU. kenia@triang.com.br

² Graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia- UFU- Pesquisador de Iniciação científica com bolsa da FAPEMIG durante o ano de 2015. pauloletras13@gmail.com

production and his representativeness to academic fields; in the reading of works related to the theory of narrative, political myths, biography as well as other materials that could support in the development of the proposed research; and, finally, in the selected book's analysis for the project.

Key-words: Jorge Amado, Biography, Myth, Hero, Female figures.

INTRODUÇÃO

10 de agosto de 1912... Nessa data, no sul do Estado da Bahia, mais precisamente na Fazenda Auricídia, localizada no distrito de Ferradas, município de Itabuna, nasceu Jorge Leal Amado de Faria. Filho de João Amado de Faria, que migrou de Sergipe com o intuito de se tornar fazendeiro de cacau em terras baianas, e de Eulália Leal Amado, Jorge Amado, como ficaria popularmente conhecido, era o primogênito de quatro filhos. Além dele, sua mãe deu a luz a Jofre, que morreu aos três anos de idade, Joelson e James.

Em função de uma epidemia de varíola, a família de Jorge Amado se mudou para Ilhéus quando ele tinha um ano de idade. Lá ele passou a infância, tendo crescido em um ambiente do qual faziam parte as lutas políticas e as disputas por terra e onde jagunços e pistoleiros brigavam entre si.

Por meio da leitura de jornais, Jorge Amado foi alfabetizado pela mãe. Os estudos iniciais do garoto foram concluídos em um internato religioso. Seus estudos secundários, por sua vez, aconteceram no Colégio Antônio Vieira, onde ele experimentou a paixão pelos livros, e no Ginásio Ipiranga, ambos situados em Salvador. Nesse período, ele deu início à sua vida profissional. Começou a trabalhar como repórter policial no *Diário da Bahia* e, em seguida, transferiu-se para *O Imparcial*. Pouco tempo depois, em 1928, fundou, com alguns amigos, a Academia dos Rebeldes. Sobre o período em que foi membro dessa instituição (1928 a 1930), ele afirmou, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (1961):

(...) levantava-me em imprecações contra a Academia Brasileira e toda a literatura de então, disposto a arrasar quanto existia, convencido de que a literatura começava com a minha incipiente geração, nada devendo-se fizera antes do nosso aparecimento, nenhuma beleza fora criada, nenhum resultado obtido.

Em 1929, *O Jornal* publicou a primeira obra de Jorge Amado: *Lenita*. Escrita sob o pseudônimo de Y. Karl e em parceria de Edison Carneiro e Dias da Costa, essa novela jamais foi incluída na lista das obras amadianas. Sendo assim, o primeiro lugar dessa lista é reservado ao romance *O país do Carnaval*, cuja publicação data de 1931. Posteriormente, foram publicadas as obras *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935) e *Mar Morto* (1936).

Em 1935, o escritor formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Apesar disso, ele nunca atuou como advogado. Também em meados de 30, ele percorreu o Brasil, a América Latina e os Estados Unidos. Durante essa viagem, escreveu *Capitães da Areia* (1937). Na década seguinte, entre 1941 e 1942, Jorge Amado, militante comunista, se exilou no Uruguai e na Argentina. Nesse país, escreveu *O Cavaleiro da Esperança* (1942), sua segunda produção de caráter biográfico. *ABC de Castro Alves* (1941) foi a primeira produção dele nesse estilo.

Nos anos que se seguiram à publicação de *O Cavaleiro da Esperança*, o escritor manteve uma produção constante. A partir do final da década de 1950, ele passou a afirmar, em sua escrita, elementos que até então ocupavam um plano secundário. Dessa forma, a começar de *Gabriela, cravo e canela* (1958), o sincretismo religioso, a miscigenação, a sensualidade e o humor ganharam destaque na literatura amadiana. Além disso, algumas obras passaram a ser protagonizadas por grandes e fortes figuras femininas. Pertencem a essa fase *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977).

Nas décadas subsequentes, a produção de Jorge Amado se avolumou ainda mais. Sua intensa vida literária se encerrou em 6 de agosto de 2001, quando o escritor veio a falecer. Seu corpo foi cremado e, no mesmo dia em que completaria 89 anos, suas cinzas foram enterradas no jardim da casa da rua Alagoinhas, onde ele vivia com Zélia Gattai, sua segunda esposa.

Ao longo do tempo, a obra literária de Jorge Amado foi traduzida para 49 idiomas, além de ter ganhado exemplares em braile e em áudio. Premiada nacional e internacionalmente, ela foi adaptada para a televisão, o teatro e o cinema, tendo sido transformada ainda em enredo de várias escolas de samba. Todo esse sucesso não foi por acaso. “Os seus livros penetram na poesia do povo, estilizam-na, transformam-na em criação própria, trazendo o proletário e o trabalhador rural, o negro e o branco, para a sua experiência artística e humana, pois ele quis e soube viver a deles” (CANDIDO, 2004, p. 44).

Apesar de sua intensa e considerável produção literária, Jorge Amado possui ainda, segundo Ana Maria Machado, uma “(...) relativa condição de marginal diante dos círculos intelectuais (...)” (MACHADO, 2014, p. 27). Na opinião dessa escritora,

(...) os meios universitários em geral (com as honrosas exceções de praxe, sobretudo nos últimos tempos, em faculdades baianas, mineiras e alguma coisa no Rio de Janeiro) tendem a descartar sumariamente o desafio de fazer uma reflexão crítica mais aprofundada sobre o romancista (MACHADO, 2014, p. 26).

Nessa perspectiva, esse artigo se justifica pelo fato de ir na contramão de um movimento que ainda insiste em marginalizar Jorge Amado; por se alinhar a outro movimento que enxerga esse escritor como uma referência nacional e, portanto, entende a importância de se estudar a sua obra; e por ser um estudo que se debruça sobre um livro que, ao que parece, é preterido por outros do mesmo escritor, principalmente por aqueles que têm as personagens femininas como protagonistas.

O Cavaleiro da Esperança e suas damas: figuras femininas na biografia de Luís Carlos Prestes é fruto de uma pesquisa por meio da qual se procurou analisar as personagens femininas que fizeram parte da vida pessoal e da trajetória política daquele comandante revolucionário. Para essa análise, além de uma bibliografia teórica, foi utilizada a obra biográfica *O Cavaleiro da Esperança*. Nela, buscou-se verificar como Leocadia, Olga Benário e Anita contribuem para o processo de mitificação de Prestes, observado no livro de Jorge Amado em questão. Por fim, ao privilegiar essas figuras, que em muitos estudos são colocadas em um plano secundário para se dar relevância a Luís Carlos Prestes, atribui-se a esse artigo sua última justificativa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O percurso teórico desse artigo se inicia com algumas considerações acerca do mito. Em “Para uma introdução ao imaginário político”, capítulo inicial de *Mitos e mitologias políticas* (1987), Raoul Girardet se propõe a examinar quatro grandes conjuntos mitológicos. Esse exame, segundo o autor, se encontra repleto de obstáculos singulares, sendo que “o primeiro deles, o mais evidente mas não o menos temível, é da ordem do vocabulário” (GIRARDET, 1987, p. 12).

Ao tratar desse obstáculo, Girardet (1987, p. 12) afirma que a linguagem comum atribui ao mito uma pluralidade de interpretações. Nesse sentido,

para os antropólogos e os historiadores do sagrado, o mito deve ser concebido como uma narrativa: narrativa que se refere ao passado (“Naquele tempo...”, “Era uma vez...”), mas que conserva no presente um valor eminentemente explicativo, na medida em que esclarece e justifica certas peripécias do destino do homem ou certas formas de organização social. ‘O mito’, escreve Mircea Eliade, ‘conta uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo imemorial, o tempo fabuloso dos começos. Em outras palavras, o mito conta como uma realidade chegou à existência, quer seja a realidade total, o cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição...’ Para outros, em compensação, a noção de mito permanece confundida com a de mistificação: ilusão, fantasma ou camuflagem, o mito altera os dados da observação experimental e contradiz as regras do raciocínio lógico; interpõe-se como uma tela entre a verdade dos fatos e as exigências do conhecimento. Para outros, enfim, leitores de Georges Sorel e das *Réflexions sur la violence*, o mito é essencialmente apreendido em sua função de animação criadora: ‘conjunto ligado de imagens motrizes’; segundo a própria fórmula de Sorel, ele é apelo ao movimento, incitação à ação e aparece em definitivo como um estimulador de energias de excepcional potência (GIRARDET, 1987, p. 12-13). [GRIFOS DO AUTOR]

Após apresentar essas formulações, o historiador aponta que elas parecem “(...) efetivamente corresponder a alguns dos principais aspectos do mito político” (GIRARDET, 1987, p. 13). Por outro lado, “(...) nenhuma parece suscetível de esgotá-lo, nem mesmo de abarcar seu conteúdo” (GIRARDET, 1987, p. 13). Diante desse fato, Girardet (1987, p. 13) expõe três dimensões em função das quais a estruturação e a afirmação de toda mitologia política acontecem. Na primeira delas, “o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real”. Na segunda dimensão, o mito possui uma função explicativa e, dessa forma, ele contribui, por meio das chaves que fornece, para que o presente seja compreendido. Na última, por sua vez, o mito encerra um papel de mobilização, desdobramento de seu papel de explicação. A existência dessas três dimensões mostra “(...) a necessidade de se situar em uma perspectiva global que [...] permite reencontrá-las todas em sua conjunção e em sua unidade” (GIRARDET, 1987, p. 13-14).

Para além dessas características, o procedimento mítico pode ser descrito a partir das relações de analogia passíveis de serem estabelecidas entre ele e o procedimento do sonho. Segundo Girardet (1987, p. 14), a organização do mito, como a do sonho, se dá por meio de uma dinâmica de imagens, cujas frações não são dissociáveis. Além disso,

como o sonho ainda, o mito não pode ser abarcado, definido, encerrado em contornos precisos senão em consequência de uma operação conceitualizante, obrigatoriamente redutora, que sempre se arrisca a traí-lo ou a dele dar apenas uma versão empobrecida, mutilada, destituída de sua riqueza e de sua complexidade (GIRARDET, 1987, p. 14).

Outra possibilidade de aproximação se dá entre os mitos políticos das sociedades contemporâneas e os grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais. Nas palavras do historiador (1987, p. 15), ambos são caracterizados pela “mesma e essencial fluidez” e pela “imprecisão de seus respectivos contornos”. Ademais, eles são polimorfos, aspecto que encerra duas implicações: (1) mitos diversos podem veicular “uma mesma série de imagens oníricas”; (2) “múltiplas ressonâncias” e “numerosas significações” podem ser oferecidas pelo mesmo mito. Essas significações são frequentemente opostas e tal dialética dos contrários constitui outra especificidade: o mito é ambivalente.

Apesar de sua ambivalência, de sua fluidez, o discurso mítico possui uma lógica – que o aproxima mais uma vez dos sonhos. De acordo com Girardet (1987, p. 17),

(...) os mecanismos combinatórios da imaginação coletiva parecem não ter à sua disposição senão um número relativamente limitado de fórmulas. O poder de renovação da criatividade mítica é, de fato, muito mais restrito do que as aparências poderiam fazer crer. Se o mito é polimorfo, se constitui uma realidade ambígua e movente, ele reencontra o equivalente de uma coerência nas regras de que parece depender o desenrolar de sua caminhada. Esta pode ser representada e apresenta-se efetivamente como uma sucessão ou uma combinação de imagens. Mas nem essa sucessão nem essa combinação escapam a uma certa forma de ordenação orgânica. Elas se inserem em um sistema, inscrevem-se em uma ‘sintaxe’, para retomar a expressão de Claude Lévi-Strauss: em outros termos, é agrupados em séries idênticas, estruturados em associações permanentes que se apresentam os elementos construtivos da narrativa que elas compõem.

Estabelecido um panorama geral sobre o mito e a mitologia política, passa-se agora, nesse percurso teórico, a tratar de uma figura específica: Luís Carlos Prestes. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2004, p. 92), o noticiário sobre os feitos da Coluna Prestes, publicado por jornais simpáticos às ações dos rebeldes, tinha a tendência de exaltar a figura do capitão dessa marcha, o que acabou por transformá-lo em mito, no herói principal da luta contra os políticos que tinham ligação com a situação dominante. Esse processo de mitificação se tornou mais agudo com a adesão de Prestes ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). De acordo com Motta (2004, p. 93), se, por um lado, o PCB se beneficiou do prestígio do líder da Coluna, por outro, esse partido soube explorar a imagem prestista.

Durante décadas, Prestes

(...) foi comemorado, homenageado e cultuado, num trabalho cuidadoso de cultivo de um mito que gerava apreciáveis dividendos políticos. Apresentou-se Prestes como a encarnação dos ideais dos revolucionários brasileiros, síntese máxima das virtudes e das promessas do comunismo (MOTTA, 2004, p. 93).

Prestes despertou a atenção não somente dos militantes do comunismo. Os anticomunistas também se ocuparam dele e, ao mito que foi elaborado pelos comunistas, “(...) procuraram opor representações contrárias, em que Prestes não encarna o papel do salvador nem do guia que abre as portas do futuro, e sim a imagem da traição, da covardia e da subserviência ao estrangeiro” (MOTTA, 2004, p. 98). Tal fato permite retomar a segunda implicação do polimorfismo do mito político (e também do religioso), segundo a qual ele pode oferecer significações opostas.

Apesar dessa dialética dos contrários que circunda Luís Carlos Prestes, importa, nesse artigo, o papel de herói que foi atribuído a ele em várias publicações. Isso se deve ao fato de que a obra utilizada para a realização dessa pesquisa apresenta esse papel. Tal obra, *O Cavaleiro da Esperança*, trata-se de uma biografia romanceada. Diante desse termo, parece pertinente apresentar algumas considerações sobre o discurso biográfico, mobilizado por um historiador, e o discurso exposto por um romancista.

Segundo Mary Del Priore (2009, p. 11), as estruturas da biografia e do romance se distinguem pelo fato de que os eventos que a narrativa do historiador conta são impostos por documentos e não frutos de sua imaginação. Nessa perspectiva, continua a autora, há, por parte do historiador, um trabalho de reconstituição das coisas do passado. No entanto, ao fazer esse trabalho, ele tenta imaginar tais coisas como se as tivesse visto. Para Del Priore (2009, p. 11-12), “há aí um cruzamento perigoso, mas real, com a imaginação literária. Por outro lado, muitas vezes o romancista não se esquiva de misturar personagens históricos e fatos com data reconhecida aos personagens fictícios e eventos idealizados”.

Em seu texto, a autora (2009, p. 12) afirma que o discurso que o biógrafo ou o romancista expõe tem em comum a *mise en intrigue* da narrativa. Todavia, sobre esse aspecto, Del Priore faz algumas ressalvas. Nas palavras dela,

(...) a intriga do biógrafo deve se conformar a determinadas leis de encadeamento e aos cânones da disciplina, às quais escapa o romancista. Na narrativa de ficção todas as distorções são permitidas. O tempo pode ser desdobrado entre o tempo das coisas contadas e o tempo que se leva para contá-las. Essa é uma via que o historiador não pode jamais trilhar.

É lógico que o historiador, seja ele biógrafo ou não, se confronta mais do que o romancista com duas questões que tomam a forma do “por que” e do “como”. E é precisamente neste momento que o historiador deve integrar em sua narrativa a análise das realidades de ordem coletiva, tais como as forças sociais, a situação econômica, as pulsões culturais e religiosas, as mentalidades e até o clima (DEL PRIORE, 2009, p. 12).

Por último, após serem estabelecidas algumas semelhanças e diferenças entre a biografia e o romance, é preciso pensar em *O Cavaleiro da Esperança*. Dessa obra, pode-se dizer que ela se “(...) desdobra segundo uma dialética da poesia e do documento (...)” (CANDIDO, 2004, p. 44). Este faz com que o livro seja caracterizado como uma biografia e se constitua

(...) uma asserção e uma informação. Informação de níveis de vida, de ofícios, de gêneros de ocupação, de miséria, de luta econômica, de produtos; asserção de certos pontos de vista de onde se descortinam atitudes sociais, reivindicações proletárias, desajustamentos de classe (CANDIDO, 2004, p. 46).

A poesia, por sua vez, se encontra relacionada aos “(...) temas formadores da ambiência em que o documento é exposto e vivificado; em que adquire realce e ganha força sugestiva” (CANDIDO, 2004, p. 46). Sobre esse ângulo poético, é possível afirmar que ele faz com que a obra de Jorge Amado em questão se afaste um pouco das biografias tradicionais e adquira algumas características próprias dos romances. Essa aquisição pode, por fim, ser observada também por meio de um elemento da narrativa: o narrador, uma vez que é legítimo dizer que, com *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado, enquanto romancista, produziu uma obra em que o narrador, predominantemente em terceira pessoa, “(...) simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e a materialização dos seres que a vivem” (BRAIT, 1985, p. 56).

O CAVALEIRO DA ESPERANÇA E A MITIFICAÇÃO DE LUÍS CARLOS PRESTES

O projeto de pesquisa intitulado *O Cavaleiro da Esperança e suas damas: figuras femininas na biografia de Luís Carlos Prestes* surgiu de uma percepção e de um interesse. A primeira diz respeito ao fato de que na obra *O Cavaleiro da Esperança* há um processo de mitificação de Luís Carlos Prestes, em que este é alçado à categoria de herói do povo, de salvador da nação. O segundo, por sua vez, se encontra relacionado à vontade de analisar a participação de três mulheres nesse processo: Leocadia, Olga e Anita, respectivamente a mãe, a mulher e a filha de Prestes. E, por meio dessa análise, procurar responder: será que, na obra supracitada, elas são importantes para a construção e/ou o fortalecimento do mito do herói que circunda o líder revolucionário em questão? Em caso afirmativo, de que forma elas são importantes?

Inicialmente, antes mesmo de ir em busca de respostas para os questionamentos levantados, parece pertinente discorrer sobre a biografia que serviu de corpus para o projeto desenvolvido e mostrar como Luís Carlos Prestes é cultuado nela.

Antes de iniciar a narrativa de *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado revela, no próprio livro (2011, p. 25), que a primeira vez em que prometeu escrevê-lo foi em 1938. Naquele ano, ele fazia uma viagem de ônibus de Estância a Aracaju, em Sergipe, quando o motorista do veículo, que havia sido da Coluna Prestes e da Aliança, o perguntou por que ele não escrevia a vida de Prestes. Desde então, ele sentiu “(...) cada vez mais urgente essa necessidade. Como uma necessidade do povo” (AMADO, 2011, p. 25). No entanto, essa tarefa só começou a ser realizada em dezembro de 1941, na cidade de Buenos Aires, onde o escritor baiano se exilou devido às perseguições que sofria no Brasil, motivadas por sua militância comunista e por sua luta contra o fascismo em terras brasileiras.

A biografia de Prestes foi finalizada em janeiro de 1942 e, em maio desse mesmo ano, ela foi publicada, em espanhol, em uma edição argentina, a partir da qual o livro foi traduzido para outras línguas. Essa edição “(...) transpôs as fronteiras do Brasil de forma clandestina, através de militantes e simpatizantes comunistas do PCB e ex-integrantes da ANL” (PONTES, 2008, p. 78). Além dela, cópias datilografadas e até mesmo fotografadas apareceram por aqui. O lançamento definitivo no Brasil de *O Cavaleiro da Esperança* aconteceu “somente em junho de 1945, com o enfraquecimento político do Estado Novo (...)” (PONTES, 2008, p. 78).

Mas o que levou Jorge Amado a escrever a biografia de Luís Carlos Prestes? A começar pelo menor dos motivos, esse escritor acreditava na existência de uma dívida a ser paga ao filho de Leocadia, dívida essa que se originou da seguinte situação:

a moderna literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudos de sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resulta diretamente do ciclo de movimentos iniciado em 22 que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento da revolução democrático-burguesa, 22, 24, 26, 30 e 35 trouxeram o povo à tona, interessaram-nos nos problemas do Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual resultou o movimento literário atual. E como Luís Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esses movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível. E essa literatura não tratou dele, da sua figura em nenhum momento (AMADO, 2011, p. 24).

Nessa perspectiva, Jorge Amado avaliava que seu livro poderia reparar um erro ao servir “(...) como o pagamento de uma dívida de toda uma nação de escritores para com um líder do povo” (AMADO, 2011, p. 25). Para além disso, houve motivos maiores que o

levaram a se dedicar à escrita da biografia de Prestes. Segundo Pontes, Jorge Amado pretendia utilizar *O Cavaleiro da Esperança* para transmitir os ressentimentos políticos do grupo social do qual fazia parte. Assim, ele partiu, em sua obra, para a mitificação de Prestes e o apresentou como o grande líder da democracia brasileira, o único homem capaz de derrotar o governo varguista e, dessa forma, instituir no Brasil um governo popular revolucionário. Amado mitificou também o martírio da prisão de Prestes pelo governo Vargas e o fez com o objetivo de impelir a sociedade a empreender uma prática social, que significaria a liberdade de Prestes e a reestruturação de uma Frente Popular encabeçada pelo Partido Comunista Brasileiro. Essa Frente tomaria o poder no país, indicando uma postura do povo contrária a Getúlio e ao fascismo (PONTES, 2008, p. 78, 100). De maneira sintética, a obra amadiana em questão foi escrita para ser uma arma “na luta pela anistia, pela democracia e contra o Estado Novo, mas principalmente contra o fascismo (...)” (AMADO, 2011, p. 11).

Enquanto esteve exilado, Jorge Amado permaneceu longe de seus livros e de suas fontes de informação. Por causa disso, ele encontrou dificuldades para escrever a biografia de Prestes. Apesar da distância mantida em relação a suas fontes, ele recorreu a alguns grupos sociais para realizar a tarefa em questão. Dessa forma, ele se correspondeu com a família do biografado, sondou membros da Frente Popular e consultou pessoas que fizeram parte da Coluna Prestes.

Concluída a narrativa amadiana, observa-se que sua escrita foi pautada pela ideologia política do escritor e pela estima dele pelo líder do povo. Além disso, nota-se, no livro de Jorge Amado, “a construção dos esquecimentos e a ocultação de fatos ou a reconstrução dos mesmos sobre uma outra ótica (...)” (PONTES, 2008, p. 103). Para exemplificar essas últimas vertentes, Pontes aponta

a tentativa de construção proposital do esquecimento da rejeição ou medo que algumas comunidades interioranas tiveram com a passagem da Coluna. Foi reconstruída, na obra, uma memória homogênea, de apoio e entusiasmo dessas populações com a passagem dos revoltosos. Existe também o exemplo da minimização do desastre organizativo dos levantes de 1935 que serviu de argumento ao regime Vargas para endurecer a repressão - o golpe do Estado Novo (...) (PONTES, 2008, p. 104).

Em *O Cavaleiro da Esperança*, uma visão poética de Luís Carlos Prestes é apresentada ao leitor por Jorge Amado. Este passa, então, a ser o intermediador de um encontro que se dá entre o leitor de sua obra e uma imagem do revolucionário gaúcho definida por seus olhos de escritor e não pelos limites da história. Trata-se, portanto, da imagem da imagem ou da visão de Amado sobre Prestes. Assim, para aquele que lê a narrativa amadiana,

o distanciamento do objeto é dobrado e o fascínio por ele potencializado (FERNANDES, 2013, p. 498).

Logo nas primeiras páginas dessa narrativa, Prestes é apresentado como o homem que nasceu em terras onde “(...) nascem os homens valentes (...)” (AMADO, 2011, p. 33), no país (leia-se Rio Grande do Sul) “(...) da coragem sobre todas as coisas” (AMADO, 2011, p. 33).

E seu nascimento marca o instante em que começa o fim do tempo dos tiranos. Seu nascimento é a prova de que a raça dos esmagados já tinha adquirido suficiente força para derrubar os tiranos e ganhar a liberdade. Porque essa raça já tinha tanta força e tamanha necessidade que, por fim, havia produzido o Herói (AMADO, 2011, p. 35).

Esse herói, nas palavras do narrador, trazia em seus olhos, desde o berço, o brilho de uma estrela, um brilho tão forte que assustou a empregada da família. Ela viu essa luz ardente e se lembrou dos seus deuses. Viu nela “Oxóssi rompendo as selvas, Xangô lançando os raios na batalha, vencendo as guerras, Zumbi forjando a liberdade” (AMADO, 2011, p. 52).

Do nascimento para a infância, vivida em meio a pobreza, Prestes compreendeu, ainda criança, “(...) que a beleza e a alegria do mundo estavam mal divididas” (AMADO, 2011, p. 53). Nessa fase, diante dos problemas financeiros que ele teve perante si, ele “(...) aprendeu a resolvê-los da maneira mais digna que era, por estranha casualidade, a maneira mais difícil” (AMADO, 2011, p. 53). A esse aprendizado, somou-se outro. Dos pais aprendeu “(...) que a vida não se resumia ao lar” (AMADO, 2011, p. 54) e, dessa forma, logo “(...) soube do mundo, das lutas dos homens, das injustiças e dos sofrimentos” (AMADO, 2011, p. 54).

Foi também na infância que despontaram em Prestes muitas qualidades que fariam dele um grande herói. Ainda criança, ele “(...) começou a temperar o aço do seu caráter” (AMADO, 2011, p. 54). À sua personalidade, se incorporaram “(...) um senso de responsabilidade e um escrúpulo no cumprimento das suas obrigações que iriam ser, depois, marcantes na sua vida” (AMADO, 2011, p. 59). Para além disso, ele desde cedo “(...) amou ver a gente feliz em seu redor, desde muito cedo ele se interessou pela felicidade alheia” (AMADO, 2011, p. 53). E esse não era seu único interesse. A atenção do menino pobre se voltou também para os livros. Prestes sabia que “era necessário saber, saber muito, penetrar o mais profundo das coisas, ir até a raiz dos mistérios” (AMADO, 2011, p. 64).

Na fase adulta, Prestes souber ser, nas ocasiões de grande trabalho coletivo, como na epopeia da Coluna, tão humilde quanto os trabalhadores que se aliaram a ele. Ele não estava à frente deles “(...) nem para enriquecer nem para explorá-los” (AMADO, 2011, p. 201). Esses

trabalhadores sabiam que seu líder só se diferenciava deles porque seu trabalho e suas preocupações eram maiores.

Uma dessas preocupações foi certamente a de “(...) denunciar a máscara trágica dos inimigos [...] e mostrá-los ao Brasil na sua trágica nudez” (AMADO, 2011, p. 48). Nesse sentido, Prestes representou uma ameaça para os tiranos, que, na tentativa de se verem livres dele, o jogaram na prisão. Prisioneiro, ele não deixou de ser a esperança do povo brasileiro, pois este sabia que, enquanto Prestes estivesse vivo, a liberdade estaria viva. Mesmo encarcerado em uma cela, ele não esmoreceu e “(...) provou que era digno de chefiar o seu povo, de estar à frente dos que se libertavam” (AMADO, 2011, p. 273).

Ao longo de sua vida, Prestes conseguiu “(...) animar e levantar, dignificar, dar consciência e libertar a raça brasileira” (AMADO, 2011, p. 36). Dele viveu o povo do Brasil, se alimentando “(...) da sua dignidade, do seu caráter límpido, da sua inteireza moral, da força da sua confiança, da sua superioridade no sofrimento, da sua certeza no povo, do seu gênio” (AMADO, 2011, p. 300). Não à toa, Prestes recebeu a alcunha de O Cavaleiro da Esperança. Não à toa, ele foi o herói de uma pátria.

As passagens apresentadas até o presente momento representam apenas uma pequena amostra do processo empreendido em *O Cavaleiro da Esperança*, que tende a heroicizar Luís Carlos Prestes, a construir um mito em torno dele. Essas passagens, se por um lado, não ilustram tal processo em sua totalidade, por outro, são capazes de dar ao leitor uma dimensão do que ele poderá encontrar ao longo da narrativa.

Finalizada essa parte inicial, passa-se a seguir a uma análise das figuras femininas da biografia de Prestes, com o intuito de procurar responder as perguntas feitas no começo dessa seção. Tal análise se concentrará inicialmente na mãe do herói revolucionário.

AS DAMAS DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA EM TORNO DE UM MITO

Ao ler *O Cavaleiro da Esperança*, o leitor toma conhecimento, pelo narrador, de que Leocadia foi uma menina com mania de ler jornais e com interesse por política; uma menina que decidiu ser professora “(...) como a filha de qualquer costureira que queria subir um pouco mais na vida” (AMADO, 2011, p. 41). Tudo isso ajuda a compreender um traço forte da personalidade de Leocadia: “ela não nascera para viver nos limites da sua casa, o mundo se movimentando lá fora, os problemas, os sofrimentos se processando lá fora sem que sua mão se levantasse para os mitigar (AMADO, 2011, p. 43).

Essa menina “(...) sabia o que queria, e conquistaria a sua vida” (AMADO, 2011, p. 42). Mas, logo cedo, ela precisou lidar com a oposição da família e com os preconceitos levantados contra as suas ideias e atitudes. Sua mania “(...) era um acontecimento inesperado na pacata vida do casal Felizardo” (AMADO, 2011, p. 42), seu interesse por política era algo extravagante e sua decisão de se tornar professora representava um declínio social para seu pai, Joaquim José Felizardo, um comerciante endinheirado, e sua mãe, Ermelinda Augusta de Almeida Felizardo, oriunda de uma família patriarcal. E eles não eram os únicos a pensar dessa forma. De acordo com as ideias vigente em Porto Alegre, nos tempos da mocidade de Leocadia,

a filha de um comerciante abastado devia se preparar para o casamento. Devia ser moça prendada, sabendo seu pouco de francês, seu pouco de piano, cuidar da casa, temperar um prato, dançar com elegância, para poder casar bem, com um moço nobre que a levasse para a corte, para uma vida mais alta ainda (AMADO, 2011, p. 42).

Apesar de os pais de Leocadia terem sido contrários às resoluções da filha, é preciso que se diga que sua mãe “talvez que não protestasse com muita convicção” (AMADO, 2011, p. 42) e seu pai não “(...) era homem para estabelecer uma reação que a menina Leocadia não vencesse” (AMADO, 2011, p. 42). De todo modo, seria estranho pensar em uma reação mais enérgica por parte deles dois, haja vista que:

em Leocadia se revelavam os traços mais acentuados do caráter dos pais. De dona Ermelinda vinha-lhe a insatisfação, o desejo de evoluir, de acompanhar a marcha das ideias; de Joaquim José herdara os sentimentos progressistas, o amor à cultura, a compreensão das injustiças sociais (AMADO, 2011, p. 43).

A menina Leocadia cresceu e se tornou esposa de Antônio Pereira Prestes, de quem foi “(...) a animadora consciente e tenaz (...)” (AMADO, 2011, p. 58). Antônio, no entanto, morreu, e, diante dessa morte precoce, sua mulher foi tomada por uma sensação de vazio. Esta, por sua vez, não durou muito. Pelos filhos, Leocadia reagiu, foi em busca do sustento deles e passou a sonhar em “(...) fazer deles pessoas dignas, a honra acima de tudo, a humanidade acima de todos” (AMADO, 2011, p. 59). Para Luís Carlos Prestes, em especial, ela sonhou “(...) um sonho de bondade” (AMADO, 2011, p. 59), imaginou-o “(...) em função da humanidade” (AMADO, 2011, p. 59). Para ele, ela teve “(...) que ser mãe e pai, a quem tinha que dar os carinhos da melhor das mães e o exemplo do mais digno dos pais” (AMADO, 2011, p. 58).

Ao longo da vida, Leocadia não esmoreceu e, como pode ser visto na narrativa amadiana, várias foram as ocasiões em que ela precisou demonstrar sua força. No decorrer de

sua existência, ela se rebelou contra os preconceitos, acompanhou seu marido de maneira nada passiva, zelou pelas filhas e, para salvar a neta de uma prisão nazista na Alemanha, desenvolveu “(...) a sua extraordinária campanha na Europa pela conquista deste ser inocente” (AMADO, 2011, p. 280).

Como não poderia deixar de ser, a grandeza dessa mulher se debruçou também sobre seu filho. “No painel em que se destaca em primeiro plano a figura heróica de Luís Carlos Prestes, dona Leocadia se levanta como a força que o cria, o protege e o sustém” (AMADO, 2011, p. 56). Mas o fato de ela ser apresentada pelo narrador como essa força não parece suficiente para explicar a contribuição dela para a construção de um mito em torno de Prestes. Afinal, quantas mães desempenham suas atribuições com grandeza semelhante à de Leocadia sem que seus filhos necessariamente se tornem salvadores da pátria?

A referida contribuição parece se dar por meio de outro processo: o de transfiguração, do qual Leocadia é o resultado final. Ela é a figura na qual o povo ou a pátria se transforma. “Ela é a imagem do povo e da pátria, sua melhor imagem. Suas marcas de sofrimento são as marcas de sofrimento da pátria. Sua alegria de amanhã será a alegria do povo” (AMADO, 2011, p. 62). Nessa perspectiva, fica fácil entender que no momento em que o narrador diz que Leocadia criou, protegeu e susteve seu filho, ele (o narrador) está, na verdade, atribuindo essas ações ao povo. Dessa atribuição, depreende-se que Prestes não é um herói por ser filho de uma grande mulher, mas sim por ser filho de algo maior, a pátria, que, na obra de Jorge Amado, se encontra metamorfoseada em uma grande mulher.

Além de ajudar a compreender a mitificação de Luís Carlos Prestes, a transfiguração do povo em Leocadia também ajuda a entender a construção dessa personagem feminina na obra estudada. Nela, a mãe do biografado assume contornos extremamente populares e assim qualquer elemento que porventura pudesse ser utilizado para localizá-la em uma classe social mais elevada é amenizado ou transportado para outra situação. Seus conhecimentos de música e de francês, por exemplo, comuns entre moças abastadas destinadas a casamentos nobres, surgem na narrativa em um momento posterior à morte de seu marido, quando ela precisa trabalhar para sustentar sua família e, por isso, decide lecionar aqueles conteúdos.

A próxima figura a ser analisada será Olga Benario. Na primeira menção feita a essa mulher em *O Cavaleiro da Esperança*, ela e Prestes estão em um navio rumo às terras brasileiras. Nesse momento, ela já é descrita como esposa desse líder revolucionário. Em seguida, o leitor é levado, pelo narrador, a conhecer a história desse casal desde o seu início ou, pelo menos, desde o início que é tecido na obra.

De acordo com o que é dito na narrativa de Jorge Amado, Luís Carlos Prestes começou a pensar no amor tardiamente, “(...) depois de muito ter combatido e de haver atravessado seu país, depois de ter procurado, numa angústia de febre, os caminhos para o seu povo e de tê-los encontrado (...)” (AMADO, 2011, p. 225-226). Somente depois de tudo isso, aos 36 anos, ele pensou naquele sentimento e encontrou a mulher da sua vida. Isso aconteceu em uma cidade da Europa, onde, certa vez,

(...) ele viu uma moça alemã. E compreendeu que a sua esposa chegara, aquela que seria dona do seu coração, mãe de seus filhos, que velaria por ele, em cujo ombro ele repousaria do seu cansaço, junto a quem ele trabalharia pelo Brasil, recebendo dela o calor de sua solidariedade de esposa meiga e compreensiva (AMADO, 2011, p. 226).

Essa moça alemã, de origem judaica, não era outra senão Olga Benario, a mulher “(...) que amou o moço brasileiro, aquele cujo destino era o próprio destino do Brasil (...)” (AMADO, 2011, p. 226); a mulher que acompanhou tal moço até a pátria dele, que acabou por se tornar também a pátria dela.

No Brasil, Prestes e Olga, recém-casados, não viveram dias de tranquilidade. Ele não gozou do sossego da vida, pois sabia que ainda tinha muito que batalhar “(...) junto ao seu povo e na frente do seu povo pela libertação da pátria” (AMADO, 2011, p. 227). Sua mulher, por sua vez, passou a acompanhá-lo nas ruas, naqueles dias de revolução, em um esforço para protegê-lo dos seus inimigos. Essa atitude protetora de Olga parece ter surgido a partir do momento em que ela não suportou mais não acompanhar seu marido em suas conspirações. Ela desejava cuidar do homem que amava, “(...) que era o ser mais digno de amor na terra” (AMADO, 2011, p. 277). Na medida em que cuidava dele, desempenhava outra nobre função: ela protegia também o Brasil, uma vez que esse país e Prestes são apresentados como sinônimos na obra.

Se Prestes era o Brasil, então todo o povo vivia dele. Se o povo vivia desse herói, então Olga não o tinha por completo. A respeito disso, o narrador diz que as

(...) mulheres que casam com os heróis e com os poetas [...] têm que possuir apenas instantes do esposo. A liberdade e a poesia são ciosas dos homens, os prendem para sempre. O Herói tem o seu destino no campo de luta, a liberdade chama por ele com sua voz mais poderosa que a voz de qualquer mulher. É preciso que a mulher encha de compreensão o seu peito e saiba viver a vida do marido. Que se prepare para as horas mais duras de sofrimento e que saiba ter nessas horas uma dignidade igual à do esposo (AMADO, 2011, p. 227).

Prestes era “(...) o próprio coração da pátria (...)” (AMADO, 2011, p. 241) e a liberdade chamava por ele. Essa situação, além de fazer com que Olga não possuísse totalmente seu marido, como foi mencionado, parece colocá-la em uma posição intermediária entre seu homem e o povo. Há, em determinado momento da narrativa, uma passagem interessante para se justificar o que vem sendo dito.

No capítulo 41, o narrador localiza o casal em questão em uma casa suburbana e conta que nela Olga caminha para o seu marido e se senta ao lado dele. Nesse momento, ela, que se vê tomada por um pressentimento triste, olha para Prestes, que trabalha escrevendo, e sabe que ele está pensando que, apesar do cenário desfavorável, nada está perdido. Na sequência, batidas na porta são ouvidas. Trata-se de um companheiro que traz alguns papéis e que vai embora depois de entregá-los. Pela porta que permanece aberta, entra a voz que já há algum tempo cantava uma serenata. O pedaço desta que invadiu a sala pobre foi: “Implorar só a Deus.../ Mesmo assim às vezes não sou atendido...” (AMADO, 2011, p. 268).

Essa serenata era um samba cantado pelo povo na rua e nele vinha “toda a dor, todo o sofrimento humano [...], nessa música cheia de infinita tristeza, de infinito desespero” (AMADO, 2011, p. 268). Olga ficou a ouvir tal samba. Prestes, porém, não tirou os olhos do trabalho, não se desviou, nem por um instante, da luta popular. Sendo assim, essa situação ajuda a explicar a ideia de que Olga é também, na narrativa amadiana, uma figura intermediária, uma vez que ela é colocada em uma posição que lhe permite, simultaneamente, escutar o povo e reconhecer as suas angústias e enxergar seu marido e reconhecer que “esperam nele, ele nunca decepcionou o seu povo” (AMADO, 2011, p. 268).

Após serem feitas essas considerações sobre Olga, é possível pensar na contribuição dela para o processo de mitificação de seu marido na obra de Jorge Amado. Como foi dito anteriormente, Prestes só começou a pensar no amor quando tinha 36 anos. Nessa idade, ele já era um homem experimentado. Nessa idade, ele já era tido como um herói, o condutor dos povos, o líder dos oprimidos. Dessa forma, não parece apropriado afirmar que Olga contribuiu para construir, na narrativa, um mito em torno de Prestes, mas sim para fortalecer um mito que já existia antes mesmo de os dois se conhecerem.

Em sua vida, Prestes esteve “(...) demasiado ocupado procurando os caminhos da liberdade, os caminhos da felicidade do seu povo” (AMADO, 2011, p. 226). Essa procura, se não o privou de determinadas experiências, ao menos as retardou. E o momento em que a relação entre ele e Olga se iniciou talvez seja uma das maiores provas disso. Se Prestes não tivesse jamais buscado a mulher da sua vida, ele poderia ser cultuado também como o herói que abriu mão de questões amorosas para se dedicar à sua pátria. No entanto, isso não

aconteceu e Prestes buscou a sua mulher, muito embora não o tenha feito de maneira desesperada. Assim, a entrada de Olga na vida dele, no instante em que ela ocorreu, ajuda a ressaltá-lo como o herói consciente de sua posição e de sua luta, dotado de grande senso de responsabilidade, que não se deixou desviar de seus propósitos e que pensou no amor apenas no momento que julgou conveniente.

Posteriormente, quando Olga é apresentada pelo narrador como uma esposa que possui apenas instantes do seu marido e como uma mulher interposta entre ele e o povo, a ideia de que Prestes não é um homem como outro qualquer se intensifica. Ele é o salvador da pátria, sua vida se destina a ela e sua grandeza se espalha entre o povo. Quando Olga é colocada como protetora de seu companheiro, o narrador faz saber que Prestes é amado por ela e é importante para a nação. Protegê-lo, então, significa a garantia de dias de amor para essa mulher e a esperança de liberdade para o Brasil. Por meio da figura de Olga, portanto, as qualidades de Prestes são afirmadas e o mito que o circunda é fundamentado sobre bases ainda mais sólidas.

Numa noite de março de 1936, na cidade do Rio de Janeiro, Prestes e Olga foram presos. Conduzidos até a Polícia Central, somente aí conseguiram separá-los e Olga foi, então, levada para uma cela, onde permaneceu por seis meses. Esse episódio na vida do casal, que já era por si só naturalmente difícil, possuía um agravante que tornava a situação ainda mais complicada: Olga estava grávida. Na prisão e sem saber notícias do seu marido, sua gravidez se transformou em “(...) uma gravidez sem cuidados, [...] com alimentação má e deficiente, sem tratamento médico, sem nenhum conforto, com o coração despedaçado” (AMADO, 2011, p. 276).

Após esses seis meses de encarceramento, Olga, esposa de Prestes, grávida e judia, foi considerada pelos títeres como o presente ideal para Adolf Hitler, foi deportada para a Alemanha nazista. Em um navio rumo a esse país, ela passou “um mês no porão infecto, sem ar, sem luz, como um fardo jogado sobre as sujeiras. Ouvindo os hinos hitleristas, as saudações odiosas, viajando para o próprio inferno” (AMADO, 2011, p. 278-279).

Ao chegar na Alemanha, a mulher de Prestes foi recebida pela Gestapo e levada para a prisão de Barnimstrasse, onde sua filha, Anita Leocádia, nasceu, em 27 de novembro de 1936. Apesar das dificuldades pelas quais passou, Olga conseguiu “(...) que a criança nascesse sadia e robusta, que não trouxesse as marcas dos martírios, dos sustos, da tragédia que ela estava vivendo” (AMADO, 2011, p. 279). No entanto, os problemas para as duas não tardaram a aparecer. Logo após o nascimento de Anita, Olga ficou sem leite em seus seios, o que fez com que sua filha comesse a emagrecer e a fenecer. Sua morte, contudo, foi evitada por sua avó

que “(...) conseguiu se pôr em comunicação com Olga e passou a lhe enviar alimentos” (AMADO, 2011, p. 280). Meses depois, mãe e filha foram transferidas para uma cela de condições ainda mais precárias, onde “Anita aprendeu a engatinhar no chão de cimento duro e áspero. Suas mãos inocentes conheceram os calos antes que as mãos de qualquer outro ser humano” (AMADO, 2011, p. 280).

O sofrimento de Olga, que já era intenso, aumentou ainda mais no momento em que soube que sua filha seria levada para um orfanato nazista quando completasse dez meses. Anita já tinha começado a andar e a falar e isso ainda não havia acontecido. Ela permanecia junto de sua mãe.

Em 21 de janeiro de 1938, a separação entre as duas de fato se concretizou. No entanto, Anita não foi levada para um orfanato para ser educada pelos nazis. Ela foi entregue à sua avó, que, há algum tempo, tentava reaver a neta. Olga, porém, não foi informada disso e “(...) feito uma louca, viveu meses de angústias, certa de que sua filha estava nas mãos dos bárbaros” (AMADO, 2011, p. 281). Nesse estado, ela permaneceu até o dia em que a autorizaram a receber uma carta de Leocadia, pela qual tomou conhecimento de que Anita estava com ela em segurança. Passado algum tempo, Olga foi arrancada “(...) da prisão de Barnimstrasse para o campo de concentração de Ravensbrück, em Fürstenberg, Mecklenburg, ao norte de Berlim, iniciando-se sua vida de trabalhos forçados” (AMADO, 2011, p. 281). Na primavera de 1942, ela foi assassinada em uma câmara de gás no campo de extermínio de Bernburg.

As considerações feitas anteriormente sobre Anita Leocadia não são as únicas que podem ser encontradas em *O Cavaleiro da Esperança*. No entanto, o espaço destinado a essa personagem na obra de Jorge Amado é reduzido, principalmente se comparado ao espaço atribuído à Leocadia e à Olga. Isso não quer dizer que Anita deva ser deixada de lado no estudo que vem sendo feito. A partir dela, a mitificação de Prestes na narrativa amadiana também pode ser pensada e, ao que tudo indica, a contribuição dela para esse processo, embora seja em menor escala, se dá de forma semelhante à de sua mãe. Em outras palavras, por meio de Olga, o narrador lembra o leitor das qualidades de Prestes.

Em determinado momento da obra, quando Anita já havia nascido, o narrador diz que cabia à Olga criar a sua filha para que ela fosse “(...) digna do pai e da avó, do povo do Brasil que considerava essa criança sua filha mais amada” (AMADO, 2011, p. 279). Ora, o fato de Anita ter que ser digna de seu pai possibilita ao leitor pensar em Prestes como um homem de grandes virtudes e que, exatamente por isso, tem ao seu lado apenas quem é merecedor desse lugar. Para além disso, quando o narrador apresenta Anita como a filha mais amada do povo

do Brasil, ele dá margem à, pelo menos, duas leituras que se complementam: (1) na obra analisada, Prestes e o Brasil são grandezas sinônimas. Nesse sentido, “povo do Brasil” pode ser entendido como “povo de Prestes”. Isso quer dizer que esse homem adquiriu uma importância tão grande a ponto de ter o povo, de conquistar a sua confiança; (2) se Anita é a filha mais amada do povo brasileiro, pode-se pensar nesse fato como a continuação de um sentimento. Logo, se a filha de Prestes é tida dessa forma, seu pai é o homem mais amado do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pessoa que já tenha lido uma biografia escrita por um historiador ou por um jornalista, certamente perceberá, ao ler *O Cavaleiro da Esperança*, que essa é uma biografia diferente de outras obras do mesmo gênero escritas por aqueles profissionais. De certa forma, o próprio Jorge Amado reconheceu esse fato em uma nota e em um agradecimento inseridos em seu livro. Nessa nota, ele diz: “as fronteiras técnicas da biografia, que os críticos amam impor, não me interessam como nunca me interessaram as fronteiras marcadas para o romance” (AMADO, 2011, p. 26). No agradecimento, após reconhecer que seu livro apresenta vários defeitos, o escritor baiano diz: “Sei que por vezes me perco em detalhes de literatura deixando talvez detalhes políticos mais importantes. É que sou um escritor e minha vida política decorre da minha honestidade de escritor” (AMADO, 2011, p. 29).

Rompendo as fronteiras técnicas da biografia e se perdendo em detalhes de literatura, Jorge Amado produziu um livro em que a memória e a ficção se mesclam. Com paixão, ele realizou uma obra de fôlego, em que Luís Carlos Prestes aparece ainda maior. Nela, o mito que circunda esse personagem, que, como todo mito político, é ambivalente, ressoa de modo a fazer com que o leitor enxergue Prestes como um herói. Isso se deve à visão romântica e poética que o escritor baiano possuía do revolucionário gaúcho. Essa visão, por sua vez, justifica as palavras elogiosas dirigidas na narrativa não só a Prestes, mas também às figuras femininas que fizeram parte da vida dele. Da mesma forma, os termos que enaltecem todos esses personagens e que se encontram espalhados ao longo desse artigo estão em consonância com a visão amadiana.

Diante da certeza de que, na narrativa de Jorge Amado, o mito supracitado apresenta a ressonância ou a significação destacada, procurou-se averiguar se, e, em caso positivo, como, a mãe, a esposa e a filha de Prestes contribuem para a sua mitificação. Por meio, então, da análise de *O Cavaleiro da Esperança*, percebeu-se que essas personagens femininas, que, em

suas vidas, se mostraram fortes e guerreiras, cooperaram, de alguma forma, para o processo que envolve Prestes. Pela transfiguração da qual é o resultado final, Leocádia, “digna mãe de tão grande homem” (AMADO, 2011, p. 312), que possuía “(...) a voz poderosa de uma velha, poderosa voz de mulher e mãe” (AMADO, 2011, p. 314), ajuda a construir um mito em torno de seu filho. Olga, que “(...) nada mais fez que ser digna e boa, a melhor das esposas, a mais amante, a mais terna, a mais fiel” (AMADO, 2011, p. 314), ajuda a fortalecer esse mito, uma vez que a presença dela na obra possibilita o reforço das características heroicas de Prestes. Anita, “um ser totalmente inocente sofrendo como um criminoso de inúmeros crimes” (AMADO, 2011, p. 315) e que quase teve o mesmo destino de sua mãe, não fossem as atitudes de sua avó, possui, na obra de Jorge Amado, um papel semelhante ao de Olga, muito embora ele se dê em menor intensidade.

Reafirma-se, mais uma vez, que ao se ler a obra amadiana, não se pode perder de vista o fato de que o autor de *Gabriela* estava engajado politicamente no Partido Comunista, escrevendo e pensando dentro das normas ditadas pelos ideais utópicos socialistas. As três mulheres de sua vida, Leocádia, Anita e Olga, foram também elaboradas por Amado pelo mesmo espírito romântico-político com que ele recriou o seu personagem Carlos Prestes. Essas mulheres formam assim um tripé no qual se apoia o mito do Cavaleiro da Esperança. As três damas se revelaram mulheres fortes, guerreiras, vivendo situações dramáticas e limites. Leocádia, “a mãe coragem”, vivenciou situações avassaladoras, enfrentou a Gestapo, viu a nora, Olga, morrer num campo de concentração e a neta, Anita, aprender a engatinhar na cela de uma prisão. Todas essas ações catastróficas vivenciadas por essas figuras femininas ajudam a moldar o mito polêmico, contraditório e inacabado de Luís Carlos Prestes, o revolucionário Cavaleiro da Esperança.

Por último, parece pertinente lembrar que, além de *O Cavaleiro da Esperança*, outras biografias foram escritas sobre a vida e sobre os feitos políticos de Prestes. Longe de tecerem comentários apologéticos e românticos como faz Jorge Amado, os autores dessas biografias constroem uma imagem desse político que se distancia de sua imagem mítica construída pelo escritor baiano. O historiador Daniel Aarão Reis, por exemplo, em seu livro *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*, afirma, sobre a relação entre o biografado e as mulheres que fizeram parte de sua vida, que, se Prestes era o sol para essas mulheres, ele não o era para Olga, pois ela possuía uma trajetória singular e autônoma, com luz própria (REIS, 2014, p. 212). Da obra de Reis, destaca-se ainda a seguinte passagem:

Numa entrevista, recordada por Maria, Prestes dissera, citando Anatole France, que desejava ser uma borboleta, que é a velhice da larva. Hércules Corrêa, na época, sempre mordaz, comentara: ‘É isto mesmo, vai morrer como uma borboleta, dando cabeçadas’.

Foi assim, de fato, que Prestes viveu e morreu: dando cabeçadas. Com suas convicções (REIS, 2014, p. 481).

Em 2015, Anita Prestes também lançou, pela editora Boitempo, a biografia de seu pai, intitulada *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. Nessa obra, a autora trilhou uma metodologia marxista, amparada em fotos e documentação encontradas nos arquivos da antiga URSS. Além disso, ela enfocou, de forma objetiva, o levante antifascista contra Getúlio Vargas, que iria inscrever o nome de Prestes na galeria dos grandes políticos do Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: vida de Luís Carlos Prestes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Discurso de posse**. 17 jul. 1961. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/discurso-de-posse>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: _____. **Brigada ligeira**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

FERNANDES, Herisson Cardoso. O fascínio como gênese do líder: esboço para uma visão epistemológica d’O Cavaleiro da Esperança, de Jorge Amado. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**, Brasília, v. 1, p. 496-506, 2013.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Biografia**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75>. Acesso em: 10 dez. 2015.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista**: como e por que ler Jorge Amado hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Batalhas em torno do mito: Luiz Carlos Prestes. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 91-115, jul-dez 2008.

PONTES, Matheus de Mesquita e. **Luiz Carlos Prestes e Olga Benario**: construções identitárias através da história e da literatura. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul-dez 2009.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes**: Um revolucionário entre dois mundos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Vida. Disponível em: < <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3>>. Acesso em: 10 dez. 2015.